

## Entre rios, estradas e cidades: práticas religiosas da missão batista no Pará

CATARINA MARIA COSTA DOS SANTOS\*

### A Missão Batista: o significado e a (re) definição do termo

A compreensão que se tem de *missão* nos estudos sobre as religiões remete-nos ao conceito aplicado a ação missioneira empreendida pelas missões católicas no Brasil e nas áreas em que a igreja Católica e suas muitas Ordens Religiosas atuaram. Por definição, o termo em questão, se insere na execução de um ato em obediência a uma determinada ordem. A missão religiosa se fundamenta, portanto, no princípio de obediência e na concepção de hierarquia. O que envia ou delega a tarefa a ser executada está acima daquele que foi enviado. Esta definição por sua própria aplicação sugere a existência de uma teia de poderes que, na esfera política, delegam poderes a alguém para realizar tarefas específicas. Infere-se que no campo religioso, a missão é, além da expressão desta teia de poderes, a tradução de uma forma peculiar de ler o mundo e de interpretá-lo.

O mundo, lido de diferentes modos por diferentes religiões, é o campo de execução da missão religiosa, que em tese se ocupa da tarefa de convencimento de homens e mulheres, velhos, jovens e crianças tentando convertê-los às suas crenças e fé. O conceito de missão religiosa envolve, portanto, uma série de elementos que constituem o universo religioso. O missionário é um executivo da missão. Integrados à roda que movimenta a missão religiosa estão os demais que cooperam com a execução das tarefas do cotidiano desta empresa, quer seja de caráter administrativo-burocrático, quer seja de caráter sacerdotal. O missionário identifica sua tarefa como um exercício sacerdotal, ministerial e vocacional. Ele se diz um chamado. O técnico, o burocrático-administrativo da missão se identifica com ela pela compreensão de vocação, de serviço, e algumas vezes se identifica a si mesmo também como um chamado.

A missão batista tem estas duas faces que cooperam para o entendimento e identidade de um grupo religioso que se afirma como *missionário*. Então é comum se ouvir em uma igreja batista que eles, os batistas, são uma igreja missionária. A estrutura

---

\* I COMAR/PEPGH-PUC(SP), Mestre em História, CAPES II.

da organização eclesiástica dos batistas no Brasil foi pensada a partir da concepção de missão que eles têm. As organizações internas são pensadas com vistas ao treinamento dos fiéis para o exercício da missão. Teoricamente as uniões de treinamentos, as escolas dominicais e de férias, tem uma finalidade missioneira. O fluxo dos missionários locais, nacionais e estrangeiros merece um estudo a parte. No Pará este fluxo foi contínuo mesmo depois da década de 70, quando em outras partes do Brasil, a presença de missionários estrangeiros em missões brasileiras já havia sido restrita. Embora se afirme a missão batista teria sido a que mais sofreu com a medida restritiva do governo João Batista Figueiredo.

A missão batista, portanto, se constitui ao mesmo tempo em um organismo local que executa as tarefas missionárias propostas pelas igrejas quanto uma expressão do ethos batista. No interior do Pará já havia igrejas batistas antes de 1970. No entanto, a partir de 1971, ano da inauguração do primeiro trecho da rodovia Transamazônica, o número de igrejas se multiplica. A missão intensifica suas incursões nos lugares de acesso pela rodovia e começa a divulgar a Amazônia a partir da imagem da construção da estrada. Ela assume o discurso que a rodovia era o símbolo do progresso que chegava à região, assegurava que haveria desenvolvimento das cidades, e que os novos núcleos de povoamento em breve seriam cidades promissoras.

Este discurso de esperança em um futuro promissor das novas cidades e da região era comum nas reportagens sobre a Amazônia em *O Jornal Batista*. A missão no Pará demonstrava que estava interessada nos lugares onde ela pudesse organizar uma comunidade local, que servisse de ponto estratégico para a expansão e o estabelecimento de novos contatos com vistas a fundação de pontos de pregação batista. A busca de uma rede social no universo local, específico das cidades paraenses no entorno da rodovia Transamazônica aponta para um aspecto comum da missão religiosa. O contato com a comunidade local como elemento fundamental para o sucesso da missão. A missão batista no Pará precisava do vínculo com o projeto global de evangelização do Brasil proposto pelos planos de missões nacionais ao mesmo tempo em que precisava se articular ao local, tendo em vista as especificidades dos hábitos e os costumes das cidades paraenses. A cidade, nova ou antiga, é o lugar de chegada e de

partida ao mesmo tempo e a rodovia é a possibilidades de estabelecer novas redes entre elas.

As práticas religiosas da missão batista no Pará, tema desta comunicação, se apresenta inicialmente na cartografia do plano de ação missionária na rodovia Transamazônica. Há elementos que parecem universais como se pode inferir no que tange a escolha das cidades localizadas em pontos estratégicos, na busca do contato com os membros da comunidade e a adaptação do plano global às especificidades locais. Na conjuntura política em que estava inserida a Amazônia na década de 70, o movimento interno dos missionários batistas se intensificou frente aos novos deslocamentos nas áreas de fronteiras. Entre as estradas e os rios, estavam os que viviam em cidades, que em termos da missão batista, precisavam de *Cristo*.

O contato nas cidades permitiu fazer um mapeamento dos lugares onde havia igrejas de outras confissões de fé. Edilson Braga, missionário batista, que trabalhou na Transamazônica durante este período fez referência que tinha sido feito um levantamento sobre a situação dos colonos quanto à filiação religiosa. Nos jornais batistas foram poucas as referências sobre outros grupos religiosos. Há referências aos presbiterianos, testemunhas de Jeová, católicos e adventistas. As referências maiores são feitas as religiões de matriz afro-indígena, as práticas de pajelança e ao espiritismo. As práticas e crenças de matriz afro-indígenas são as mais criticadas. O contato com a comunidade local e a necessidade de se estabelecer vínculos com ela, não impediu à imprensa batista de publicar algumas matérias associando tais práticas ao demônio.

No trecho da Rodovia Transamazônica, entre Altamira e Marabá a missão procurou fazer contato com os representantes do INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Alguns missionários se sentiam incomodados porque havia mais agentes da catequese do que missionários atuando nas glebas. As diferentes identidades religiosas entre os antigos habitantes das áreas por onde a rodovia foi aberta não parece ter surpreendido os missionários batistas, o que lhes causava surpresa eram os grupos que eles diziam não terem religião alguma, que na linguagem deles viviam a mercê de seus próprios vícios, sujeitos a todo tipo de engano.

Nesta forma de desqualificar as práticas e crenças do outro está presente um outro aspecto da missão religiosa. Ela se constitui na negação do outro, ou seja, ela diz o que o outro é para que sua imagem se projete como a única e verdadeira. Ao desqualificar as crenças e práticas da religiosidade popular comuns àqueles habitantes, a missão batista no Pará se colocava como a redentora. Já havia o discurso da vocação e do chamado para a Amazônia, o que a missão precisava fazer era realizar a tarefa conforme ela entendia, ou seja, o outro é que precisa da salvação.

A missão batista e outras missões religiosas disputavam a conquista de fiéis. Na Amazônia, resultado de um longo processo de migrações internas e de um contínuo ir e vir de populações ribeirinhas e das florestas, as práticas e sistemas religiosos não se definiam pela confissão de fé ou crença. Há uma relação com a terra e com a natureza mantida na esfera local que os projetos globais de desenvolvimento e que os processos de colonização e de civilização não suplantaram.

No Pará, os processos de modernização e de desenvolvimento alinhados com as políticas dos governos militares impactaram as economias domésticas e nas formas de organização comunitárias de grupos humanos da floresta. Porém, a força da oralidade e as práticas e crenças caboclas se impuseram neste processo como elementos da tradição local, reforçando a idéia de que entre os projetos globais e os saberes locais, há espaços de reflexão, de redefinição e de negociação. É possível que a missão batista do Pará, como parte de um projeto global de evangelização do mundo, tenha se confrontado com os projetos e os saberes locais nos trechos da rodovia Transamazônica, mas é possível inferir que nesta relação de enfrentamento, as práticas batistas tenham se modificado também.

A missão batista no Pará, portanto, ao executar seu projeto de expansão para o interior, escolheu as cidades já estabelecidas como núcleo, e destes núcleos estabeleceu vínculos como os que estavam chegando, como os colonos que estavam se estabelecendo, percorrendo a rodovia e as vicinais, mas voltando sempre para a cidade onde acreditava ser o ponto de partida e de chegada de todos.

## Entre rios e estradas: natureza e missão religiosa

A expansão para o interior do Estado do Pará não começou nos anos de 1970, no entanto, a década de 70 teria sido o período de maior crescimento dos batistas brasileiros. O regime militar e seu programa de integração da Amazônia através de abertura de rodovias mais sua política de desenvolvimento econômico da região provocou uma nova onda de migração para a região e novos deslocamentos internos, com ameaça à existência de determinados grupos indígenas que viviam nas áreas por onde iria passar a rodovia. O impacto não foi somente ambiental, social e econômico. A floresta, os rios e a terra têm outra conotação para comunidades de natureza. A organização de novas redes de comunicação internas próximas à rodovia, novos núcleos urbanos, agrovilas, rurópolis, vilarejos criaram novos espaços de circulação para novos e antigos habitantes, mas afastaram estas comunidades. A missão batista, dentro do plano nacional de evangelização, teria que encontrar um meio para realizar sua expansão no Pará.

### QUADRO DE PRIORIDADES DO PLANEM

Cidades	Unidades Federativas	Localização
Rurópolis Presidente Médici	Pará	Entrocamento da Rodovia Transamazônica com Cuiabá-Santarém.
Caracaraí	Roraima	Entrocamento da Perimetral Norte com a Manaus-Caracas.
Humaitá	Amazonas	Entroncamento da Transamazônica com a Brasília-Manaus.
Estreito	Maranhão	Entroncamento da Transamazônica com a Belém-Brasília.
Tucuruí	Pará	Rodovia PA 44 com a PA 83
Cabeludo	Pará	Belém-Brasília
Jacareacanga	Pará	Na Transamazônica com a Manaus-Caracas.
Porangatu	Goiás	Belém-Brasília
Guaraí	Goiás	Belém-Brasília
Chapecó	Santa Catarina	Região oeste do Estado
Itaipu	Paraná	Construção da Hidrelétrica
Bom Jesus da Lapa	Bahia	Centro das romarias
Irecê	Bahia	Rodovia Salvador -Xiquexique.
Aparecida do Norte	São Paulo	Centro das romarias

Fonte: Revista A Pátria para Cristo, nº. 5. set. /out. 1974.

No quadro do PLANEM - Plano Nacional de Evangelização e Missões observou-se que as prioridades eram de fato as cidades que estavam próximo as rodovias. Outro detalhe é o destaque às cidades de tradição católica com centros de romarias já consagrados, deixando evidências do caráter urbano da missão batista. Na Amazônia, especialmente no Pará, o processo de urbanização se intensificou com a abertura das estradas que possibilitaram a comunicação entre antigos centros urbanos e os novos núcleos e cidades. Mas os rios continuaram sendo em áreas de floresta o principal caminho de acesso, sem possibilidade de chegar a determinados lugares por estradas e vicinais, a opção de transporte era o barco, e o tempo de viagem dependia do movimento dos rios e marés.

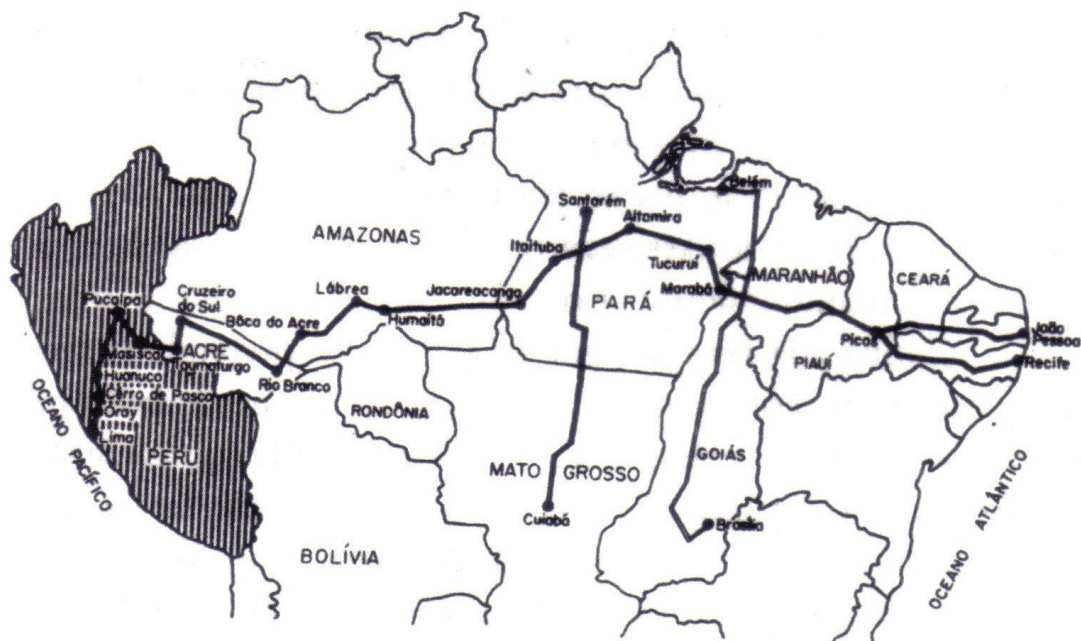
A rodovia Transamazônica, mesmo depois de inaugurada seu primeiro trecho em Altamira, em época de chuva, ficava intransitável, segundo os missionários. A missão batista no Pará ao enfrentar as dificuldades naturais da região, revelou a necessidade de estudar mais sobre as peculiaridades das cidades amazônicas. Isto possivelmente tenha motivado a ida de Jones Bidart Lopes, pastor batista, a fazer o curso de dois meses na Universidade do Amazonas, promovido pela SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia em parceria com O INCRA, sobre as diretrizes para a implantação de cidades amazônicas. Este curso segundo Samuel Mitt, secretário executivo da Junta de Missões Batistas no Brasil, poderia ajudá-lo no desenvolvimento da missão batista no Pará. O secretário havia solicitado ao pastor que fizesse um estudo sobre o tipo de construção funcional para a Transamazônica.

O inverno chuvoso que dificultava a saída dos colonos para as lavouras os impedia também de ir ao culto, comprometia o acesso de carro às vicinais das estradas, impedia a realização dos cultos ao ar livre, retardava o programa de evangelização da Missão. Em 1974, quando se realizou a primeira Campanha Nacional de Evangelização na rodovia Transamazônica, os organizadores se esqueceram do detalhe que no mês de dezembro o volume pluviométrico aumenta na região.



Fonte: *Pátria para Cristo*, nº 2, jun. / jul, 1975, p. 16-17

A rotina dos missionários e dos voluntários que participaram da Operação Missionária Transtotal em 1974 exigia um enfrentamento das condições naturais do local.



Fonte: *Pátria para Cristo*, nº 2, jun. / jul, 1975, p. 19-20

Cidades antigas fundadas bem próximas aos rios, estradas abertas no meio da floresta, encontro de cultura e natureza são importantes para pensar no processo de expansão dos protestantismos na Amazônia Brasileira. Após a inauguração do primeiro trecho da rodovia Transamazônica, em 1971, a Missão Batista já havia definido uma cartografia missionária. Havia ao longo da rodovia outros grupos religiosos que também se beneficiaram da abertura daquela estrada. Os lugares que a Missão Batista atuaria no Pará não eram lugares sem religião, ou sem práticas religiosas ou crenças. O novo eixo da ação missionária reunia em núcleos de povoamento, agrovilas, rurópolis e pequenas cidades gente de diferentes partes do Brasil, de diferentes partes do estado e da região e gente da terra. Colonos e (i) migrantes, índios, caboclos e ribeirinhos, gente que vivia por ali antes mesmo de chegar a estrada e que se deslocaram ou foram forçados a se deslocar por causa da abertura da estrada.

A estrada como símbolo de progresso e o rio como símbolo da natureza tiveram sua importância na execução do projeto missionário da missão batista no Pará. A missão não pode prescindir dos saberes locais quanto ao uso das canoas, movimento das águas, horário da chuva, mas aos poucos foi introduzindo seus conhecimentos e saberes trazidos da cultura bíblica e das experiências de outras partes do Brasil. A estrada e o rio como possíveis lugares de contato entre o local e o nacional provocaram mudanças nas práticas batistas, quer em sua forma de organizar o tempo quer em sua forma de construir seus templos.

### **Entre o local e o global: a missão batista e o projeto nacional desenvolvimentista**

Como se multiplicavam as grandes propriedades e se fortaleceram as novas elites no estado do Pará, os trabalhadores organizados em cooperativas buscavam nas vertentes mais libertadoras da religião o apoio às suas reivindicações. Sob a perspectiva da missão batista, a separação da Igreja e o Estado, na prática, significavam a não intervenção da igreja e suas missões em questões do Estado e a participação política deve ser feita nos rigores da disciplina e da obediência as leis civis desde que estas não infrinjam o princípio do Evangelho. Orar pelas autoridades constituídas era uma forma de garantir que a segurança e a paz seriam mantidas no país.



Quanto à natureza e ao objetivo da missão, os batistas brasileiros são o que se têm consagrado como protestantismo de missão. Por razão didática, observou-se que o termo missão ficou definido como ação missionária e pressupõe o comprometimento do converso proclamar o que sabe sobre Cristo e o Evangelho àquele que nada sabe a respeito da salvação ou àquele, que julgado como perdido, é carente de conversão. A conjuntura em que vivia o país nos anos do regime militar era favorável para a execução da missão.

Disciplina, obediência, ordem e serviço estavam muito presentes nos termos da missão batista. Isto a aproxima às demais missões religiosas presentes no Brasil e ao redor do mundo. Há um modelo disciplinar e de serviço a seguir. Uma ética que novo batista deve observar. O comportamento tem um padrão tanto para o homem quanto para a mulher, para o jovem, a criança e o adulto, para aquele que é casado e o que é solteiro. O corpo é disciplinado para aprender a lidar com a natureza, os vícios e as possíveis tentações. A linguagem deve também se modificar, enfim, o nascer de novo, a conversão.

A missão batista tinha este projeto porque acreditava que um dos fatores de atraso e falta de desenvolvimento da região era a permanência de grupos e de comunidades que vivam sob o signo *das credences e tradições antigas*. Por isso, a missão reconhecia que o Projeto Nacional de Desenvolvimento da Amazônia cumpriria seu papel de levar aos povos da floresta e dos rios, às cidades mais afastadas do centro, o desenvolvimento e o progresso pensados a partir do capitalismo, do interesse do grande capital. Este modelo de desenvolvimento resguardadas as exceções, se houver, tinha um forte apelo civilizatório. A missão batista no Pará agiu dentro deste modelo.

As religiões de matriz afro-indígena, por exemplo, no contexto específico da Amazônia Brasileira no período do regime militar no Brasil foram muito criticadas. As reportagens publicadas na Imprensa Batista referiam-se a elas enfatizando práticas que eles consideravam anti-bíblicas. A Missão tinha mais de um veículo de propagação do trabalho missionário no Pará naquela década, mas havia dois que foram importantes fontes para (in) formação dos leitores em todo o Brasil. São eles *O Jornal Batista* e *A Revista Pátria para Cristo*.

Este material de informação, de natureza religiosa confessional, era (ainda são) distribuído (Doado e/ou vendido) nas Igrejas Batistas com fins didáticos e não somente de informação. Uma vez entrevistado a respeito do jornal, uma conversa insistiu em dizer sobre a importância daquele periódico para ela e sua família. É impensável viver sem ler o que os outros dizem a respeito do que se está fazendo na Amazônia. (Do que Deus tem feito na Amazônia). O que se estava fazendo na Amazônia não era exatamente o que era divulgado nos jornais batistas. Nada sobre a política autoritária dos governos militares era dito. Quando Ernesto Geisel sucedeu ao Emílio G. Médici na presidência da República a notícia era a seguinte “Um servo de Deus sobe ao poder”.

A Imprensa Batista reforçou inúmeras vezes a idéia sobre a necessidade de civilizar os habitantes do *hinterland* amazônico. A missão batista acreditava que neste processo de desenvolvimento e civilizatório a religião teria um importante papel. *O Jornal Batista* divulgava esta idéia quando imprimia em suas páginas fotos que expunham a seleção dos tipos sociais que viviam às margens dos rios e das florestas. Nas quatro edições da revista Pátria para Cristo do ano de 1978, todas as capas estampavam um olhar sobre a Amazônia. O olhar do editor não poupou esforços para enfatizar no conteúdo das revistas a condição marginal da região.

A ação missionária dos batistas no Pará e de outros estados do norte não conseguiu reverter esta imagem, haja vista que ainda hoje a mídia enfoca as questões do desenvolvimento sustentável, a questão agrária e indígena, a questão ambiental da região que são problemas que a Amazônia sofre há décadas. Dentro da rede de poderes na estrutura organizacional dos batistas, havia a Junta de Publicação e Educação Religiosa. As publicações sobre a Amazônia foram inúmeras durante todo o período de 1970 a 1980. A imprensa divulgava através de suas publicações distribuídas em todo o Brasil, as notícias sobre o norte do Brasil. Este movimento na comunicação entre o local e o nacional era o que possibilitava aos conversos batistas no Pará se verem como parte do projeto maior de missão. O sentimento de pertencimento ao grupo maior, que estava além das fronteiras da Amazônia, que se encontravam nos grandes centros urbanos, que viviam nos eixos econômicos-políticos centrais do país alimentava a missão local. Deste modo, a missão batista no Pará se via ligada às instituições organizacionais que lhe apoiavam quanto à sua finalidade e natureza.

Na Amazônia Brasileira, mesmo quando ela não era definida como tal, a paisagem, como descrição da natureza abrigava os desafios aos projetos de desenvolvimento e de integração da região. As muitas populações que habitavam as margens dos rios e nas florestas eram consideradas incivilizadas por causa da dependência em relação à natureza. Euclides da Cunha fez referência a esta relação quando relatou sua viagem de expedição ao rio Purus, afinado com aquilo que se considerava sobre a região, o jornalista fez uma descrição do que seria a natureza e o homem da Amazônia. A idéia de civilização se contrastando com a idéia de natureza evocado na literatura ajuda a compreender uma concepção antiga, mas presente em muitos processos de conquista e de avanço de fronteiras.

Nos relatos de viagem de missionários batistas a descrição sobre a floresta é preñe de termos depreciativos e a estrada é descrita como dádiva divina. As referencias que são feitas à natureza colocam as populações que vivem *nas matas e nos rios* na condição de selvagens, sem civilização e carentes de salvação. A assertiva, em particular, as publicadas em *O Jornal Batista* corrobora a idéia de que a Amazônia precisava se modernizar e que esta modernização viria pela integração dela ao eixo central político-econômico brasileiro através das estradas e rodovias. Uma declaração muito intrigante foi àquela feita por um missionário a seguir a inauguração do primeiro trecho da rodovia Transamazônica em 1971: “Passa a Transamazônica e ajuda-nos”. Uma paráfrase do texto sagrado dos cristãos “Passa a Macedônia e ajuda-nos”.

Observadas as aproximações discursivas aqui e ali, duas colocações a respeito deste discurso são pertinentes. A primeira refere-se à retórica, como recurso de convencimento no discurso da Missão e a segunda é sobre a visão dos habitantes d’além estrada. Na condição de desintegrados, a estrada se apresenta como o caminho do desenvolvimento e o progresso. Através dela virão a missão religiosa e a missão civilizadora.

Sobre a rodovia Transamazônica, o governo federal falava que ela integraria uma região de um vazio populacional considerável às demais regiões brasileiras. O discurso da integração, que não era novo, valia-se da necessidade de se fazer *o gigante despertar*. Uma vez despertado este gigante, que seria a Amazônia cumpriria sua vocação nacional. Conforme as palavras publicadas em *O Jornal Batista*, o despertar do

gigante traria o desenvolvimento para a região e levaria o progresso às populações que viviam a mercê da natureza. Inferindo-se em primeira instância, que a missão batista identificava-se com a missão civilizadora e modernizadora.

Naquilo que pode entender sobre a relação entre o processo civilizatório no ocidente e a expansão das religiões de matiz cristã, é dito que tal processo se impôs na tensão entre o conhecimento e saberes organizados nos manuais e nos catecismos institucionais e as religiões de natureza tribal, com saberes e tradições orais, ligados aos elementos plurais da floresta ao longo dos séculos. Entre estes saberes, se vê que a missão religiosa se interpõe na condição, ora de interprete e mediador das tradições orais, ora como juiz e promotor de uma verdade que ela defende. Em todo caso, é nesse processo tensão, que o universo religioso da missão batista se constituiu. É muito evidente que a missão batista contribuiu para a disciplina dos corpos e na (con) formação política dos seus conversos no Pará. Embora o missionário Edilson Braga dê testemunho do envolvimento em cooperativas de trabalhadores (que sutilmente se declaravam comunistas), o depoimento dele enfatiza que sua participação era na oração para que Deus fizesse aquele negócio progredir.

O ideal de progresso presente nos discursos do governo estadual e federal carregava, portanto, um modelo de missão e de civilização. O projeto da missão batista promoveu esta idéia. Ao atravessar a rodovia, o missionário atravessava a fronteira entre mundos teoricamente divididos em suas crenças e tradições religiosas. A densa floresta da costa brasileira, devastada em nome da civilização e da expansão da fé continuava revelando no interior do país, os homens e mulheres que por suas práticas de fé e tradições religiosas podiam ser considerados *os danados da terra*, e por esta condição necessitavam da graça salvadora de Deus. Além da floresta, subindo e descendo os rios os missionários descobriram diferentes sistemas e crenças religiosas entre os que habitavam o Brasil. O contato entre estes diferentes sistemas religiosos revelaram aos batistas povos com um passado em que as tradições orais e os saberes locais estão arraigados no corpo ao mesmo tempo em que podem fluir como as águas dos rios.

Na Amazônia Brasileira, isto é relevante porque mesmo sofrendo com as constantes migrações e deslocamentos o universo religioso se enriquece a medida que são descobertas novas e diferentes formas de culto. Sob a ótica da missão batista estes

deslocamentos traziam as populações para o lugar onde Deus queria que elas tivessem. Na floresta ou no rio, a estrada poderia lhes dar acesso e também ao progresso, à civilização e a religião.

### **Bibliografia:**

ARRUDA, Gilmar (org.). **Natureza, fronteiras e territórios**. Londrina: Eduel, 2005

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova Editora. 2004

DA CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. (seleção e coordenação de Hildon Rocha). Brasília: Senado Federal, Conselho editorial, 2000. Coleção Brasil 500 anos.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

PETIT, Pere. **Chão de promessas: elites políticas e transformações econômicas no Estado do Pará pós-1964**. Belém: Paka-Tatu, 2003.

### Fontes:

II PDN – Plano de Desenvolvimento da Amazônia. Detalhamento do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979). Ministério do Interior: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM. Abr. 1975

O Jornal Batista. Publicação da Imprensa Batista no Rio de Janeiro (1970-1978)

Revista Pátria Para Cristo. Publicação da Imprensa Batista no Rio de Janeiro (1970-1978)